

Um olhar sociológico sobre os círculos de construção de paz¹

A sociological look at peacebuilding circles

Una mirada sociológica a los círculos de construcción de paz

Recebido: 12/11/2020 | Revisado: 15/11/2020 | Aceito: 20/11/2020 | Publicado: 25/11/2020

Maria Cristiane Lopes da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2800-5634>

Secretaria da Educação do Estado do Ceará, Brasil

E-mail: crisneto19@gmail.com

Geovani Jacó de Freitas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3661-9473>

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

E-mail: gil.jaco@uece.br

Rosemary de Oliveira Almeida

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9897-5353>

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

E-mail: rosemary.almeida@uece.br

Resumo

Este artigo trata dos Círculos de Construção de Paz na escola pública. Objetiva-se compreender os tipos e a estrutura desses Círculos à luz de uma análise sociológica, tendo em vista os significados que os sujeitos escolares atribuem às suas experiências na escola. Para isso, fundamenta-se no arcabouço teórico de Elias, de Goffman e de Weber, a partir do diálogo com Boyes-Watson e Pranis e demais autores pertinentes à discussão. Utiliza como instrumentais metodológicos a entrevista semiestruturada, grupos de discussão e observação direta. Os resultados, embora sem a intenção de esgotar as discussões, mas no sentido de contribuir com a ampliação dos olhares dentro de uma perspectiva sociológica, evidenciam que os tipos de Círculos de Construção de Paz instigam diversos significados para os(as) professores(as), os(as) estudantes e os(as) funcionários(as), com estrutura de organização das

¹ Este artigo surge de parte de uma pesquisa de dissertação de mestrado em Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará.

quais reverberam sentidos que vão além de uma explicação racional. Em suma, os Círculos despertam diversos olhares que afetam de alguma forma os(as) participantes na escola.

Palavras-chave: Círculos de Construção de Paz; Sujeitos escolares; Análise sociológica.

Abstract

This article deals with Peace Building Circles in public schools. The objective is to understand the types and structure of these Circles in the light of a sociological analysis, in view of the meanings that school subjects attribute to their experiences at school. For this, it is based on the theoretical framework of Elias, Goffman and Weber, from the dialogue with Boyes-Watson and Pranis and other authors relevant to the discussion. It uses semi-structured interviews, discussion groups and direct observation as methodological tools. The results, although not intended to exhaust the discussions, but in order to contribute to the broadening of views within a sociological perspective, show that the types of Peacebuilding Circles instigate different meanings for teachers, students and employees, with organizational structure from which meanings that go beyond a rational explanation. In short, the Circles awaken different perspectives that affect the participants in the school in some way.

Keywords: Peace-Building Circles; School subjects; Sociological analysis.

Resumen

Este artículo trata sobre los Círculos de Construcción de Paz en las escuelas públicas. El objetivo es comprender los tipos y estructura de estos Círculos a la luz de un análisis sociológico, en vista de los significados que los sujetos escolares atribuyen a sus experiencias en la escuela. Para ello, se basa en el marco teórico de Elias, Goffman y Weber, a partir del diálogo con Boyes-Watson y Pranis y otros autores relevantes para la discusión. Utiliza entrevistas semiestructuradas, grupos de discusión y observación directa como herramientas metodológicas. Los resultados, aunque no pretenden agotar las discusiones, sino contribuir a la ampliación de visiones dentro de una perspectiva sociológica, muestran que los tipos de Círculos de Construcción de Paz instigan diferentes significados para los docentes, estudiantes y empleados, con estructura organizativa de la cual emanan significados que van más allá de una explicación racional. En definitiva, los Círculos despiertan diferentes perspectivas que afectan de alguna manera a los participantes en la escuela.

Palabras clave: Círculos de Construcción de Paz; Sujetos escolares; Análisis sociológico.

1. Introdução

Os Círculos de Construção de Paz são identificados como um recurso metodológico utilizado pelos(as) docentes nas suas práticas educativas para facilitar o diálogo sobre diversas temáticas. De acordo com Pranis (2010b), é uma prática inspirada nas tradições indígenas da América e do Canadá, quando os indivíduos de uma comunidade se reúnem em círculo para conversar e discutir sobre os seus problemas de maneira que todos(as) tivessem vez e voz na discussão.

Esses Círculos são práticas usadas como metodologia fundamentada nos princípios e valores da justiça restaurativa². Representa uma das principais vertentes do movimento das práticas restaurativas mais disseminadas no mundo, utilizada “[...] a partir do final dos anos 70 pelo juiz canadense Barry Stuart, quando jurisdicionava territórios indígenas cujos povos mostravam resistência para participar dos processos da justiça tradicional” (Brancher, 2014, p. 62).

No Brasil, os Círculos chegaram em meados de 2010, na cidade de Caxias do Sul, no estado do Rio Grande do Sul, e propagaram-se em algumas cidades e em diversos contextos (Brancher, 2014). Em Fortaleza, especificamente, no âmbito escolar da rede estadual de Fortaleza, os Círculos de Construção de Paz foram introduzidos em meados de 2013, por meio de algumas experiências-piloto, com a finalidade de corroborar as atividades pedagógicas dos(as) professores(as) no diálogo dos conflitos e na prevenção da violência. Conforme Pranis (2010b), apesar de os Círculos de Construção de Paz terem se iniciado no campo da justiça criminal, eles encontraram terreno fértil na escola, foco de interesse deste estudo.

Nessa direção, os Círculos desenvolvem-se como um subsídio metodológico na prática de alguns(mas) docentes por meio de experiências pontuais, dentro das possibilidades e limites das escolas públicas da rede estadual em Fortaleza. Assim, objetiva-se compreender os tipos e a estrutura desses Círculos à luz de uma análise sociológica, tendo em vista os sentidos e significados que os sujeitos escolares atribuem diante de uma experiência que acontece rotineiramente na Escola Flor do Deserto³.

² “A Justiça Restaurativa é uma abordagem que visa promover justiça e que envolve, tanto quanto possível, todos aqueles que têm interesse numa ofensa ou dano específico” (Zehr, 2015, p. 54).

³ Nome fictício atribuído à instituição pesquisada para garantir melhor lisura, confiabilidade e preservação das imagens da escola e da comunidade escolar. O mesmo procedimento será realizado com os sujeitos participantes, que serão identificados com nomes de flores.

2. Metodologia

Para a metodologia, recorreu-se à pesquisa de natureza qualitativa, na medida em que exige a percepção e sentidos que as pessoas atribuem a partir da interpretação subjetiva e da “[...] ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou pelos agentes, refere-se ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso” (Weber, 1998, p. 13).

Elegeu-se uma escola pública estadual de Fortaleza para o recorte do campo, por realizar um trabalho sistemático com os Círculos de Construção de Paz, a qual se mostrou disponível à pesquisa. Os sujeitos escolhidos foram representantes dos segmentos de professores(as), estudantes e funcionários(as) que tinham alguma experiência com os Círculos das Flores⁴, contato e/ou informações a respeito dos Círculos na escola.

Optou-se por um conjunto de procedimentos metodológicos: entrevista semiestruturada, dois grupos de discussão, observação direta e pesquisa bibliográfica. O sentido da combinação desses procedimentos se dá pelos benefícios e limitações de cada técnica utilizada, viabilizando, dessa maneira, “[...] a aproximação e a coleta de dados da realidade, mediante exploração, descrição, compreensão, explicação e/ou interpretação do objeto a ser investigado” (Santos, Osterne & Almeida, 2014, p. 30).

Segundo Bourdieu (1999, p. 10), há sempre necessidade de se precaver com o máximo de procedimentos possíveis, de conceitos a estratégias diversas e técnicas para não incorrer em erro, ou seja, “[...] pela necessidade de levar em consideração todas as ferramentas conceituais ou técnicas que permitem dar todo vigor e toda sua força à verificação experimental”.

A pesquisa ocorreu entre os meses de outubro e dezembro de 2019, de acordo com os tempos possíveis da escola e dos(as) participantes. Vale lembrar que as entrevistas realizadas seguiram um roteiro semiestruturado, com autorização prévia dos sujeitos da pesquisa, por meio da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido explicando o objetivo da pesquisa. Os grupos de discussão contaram apenas com a participação de estudantes, devido à inviabilidade de tempo compatível com os(as) docentes e funcionários(as).

Então, a preocupação metodológica foi cercar-se o máximo possível de procedimentos e referências bibliográficas para conseguir abarcar o objetivo proposto e não recorrer a noções preestabelecidas e visões distorcidas a respeito do fenômeno pesquisado (Bourdieu, 1999).

⁴ Nome fictício atribuído à atividade desenvolvida na escola sobre os Círculos de Construção de Paz.

3. Resultados e Discussão

Um olhar sociológico sobre os tipos de círculos de construção de paz na escola

Na percepção de Pranis (2010a, p. 1), os Círculos são vistos como uma ferramenta poderosa para facilitar diálogos, inspirados em tradições indígenas: “[...] as comunidades antigas usavam processos similares aos Círculos para tratar do trabalho da comunidade”. Atualmente sofreu adaptações e aportes de conhecimentos para atender às necessidades da sociedade multicultural. Mediante o olhar sociológico, comparam-se os Círculos na perspectiva de Goffman (2011, p. 13) sobre a interação face a face:

Todas as pessoas vivem num mundo de encontros sociais que as envolvem, ou em contato face a face, ou em contato mediado com outros participantes. Em cada um desses contatos a pessoa tende a desempenhar o que às vezes é chamado de linha – quer dizer, um padrão de atos verbais e não verbais com o qual ela expressa sua opinião sobre a situação, e através desta sua avaliação sobre os participantes, especialmente ela própria. Não importa que a pessoa pretenda assumir uma linha ou não, ela sempre o fará na prática. Os outros participantes pressupõem que ela assumiu uma posição mais ou menos voluntariamente, de forma que se ela quiser ser capaz de lidar com a resposta deles a ela, ela precisará levar em consideração a impressão que eles possivelmente formaram sobre ela.

Com isso, Goffman (2011) argumenta que os encontros sociais são interações face a face entre as pessoas, nas quais os sujeitos assumem determinado comportamento padrão para se manterem na interação. Nessa perspectiva, compreendem-se os Círculos como esse “encontro social”, um espaço em que as pessoas interagem presencialmente, assumindo, a depender da intenção, imagens socialmente aceitáveis ou não. Verifica-se mais ou menos isso nos relatos de alguns(mas) participantes da pesquisa, que alguns(mas) aceitam confortavelmente e outros(as) não, como se observa nas falas adiante:

[...] é o início. Eu acho que o maior desafio é começar, porque eles não são acostumados, eles não conhecem, eles não sabem o que vai acontecer ali. Então, nos primeiros Círculos, eles são resistentes, eles ficam assim com um pé atrás . . . (Clívia professora, 2019).

[...] a gente fica numa roda de conversa, aí a gente fica conversando, ou seja, a gente interage um com o outro, fica de boa. Acho que todo mundo fica de boa. (Azaleia estudante, 2019).

Eles estavam bem à vontade também, acho que se sentiam acolhidos, porque eles participavam. Alguns eu já tinha percebido até certa resistência deles em participar de algum grupo e lá naquele momento eu vi que eles estavam bem. (Camélia funcionária, 2019).

Conforme Pranis (2010b, p. 28), os Círculos tomaram uma proporção em diversos ambientes, com finalidades distintas, passando a ser conhecidos com tipologias diferentes: “Diálogo; Compreensão; Restabelecimento; Resolução de Conflitos; Reintegração; Sentenciamento; Apoio; Construção do Senso Comunitário; e Celebração”.

Ao analisar essa organização tipológica dos Círculos por meio da teoria de Weber (1998), como “típico-ideal”, tem-se uma forma de melhor compreender os tipos de Círculos e suas características a partir de uma construção mental para explicar a função que cada um ocupa dentro da sua estrutura, de modo a se construir uma formulação ordenada de compreensão e aplicabilidade de cada um dos Círculos conceituados.

Para Pranis (2010b), cada um dos Círculos promove motivações para vir a acontecer; eles surgem de algum objetivo e têm suas próprias especificações. O Círculo de Diálogo, por exemplo, é muito utilizado em situações de tensão entre opiniões divergentes; trabalha com os(as) participantes sobre um tema ou questão com base em pontos de vista diferenciados, não se preocupando com nenhuma forma de consenso.

Entende-se que esses Círculos se configuram como um tipo ideal, no sentido da interação face a face, segundo Goffman (2011). Na medida em que não existe preocupação de consenso e espontaneidade no falar e no escutar, constrói-se uma imagem/fachada, mesmo inconsciente, que é preservada, atribuindo como regra essencial de respeito para com os(as) outros(as) e consigo o que chama de “manobras protetoras” (Goffman, 2011). Isso se evidenciou nas falas dos sujeitos escolares, em especial dos(as) estudantes:

[...] as pessoas se soltaram mais, porque no começo a gente fica muito tímida, mas depois se solta mais. Dá até vergonha de ficar ali, todo mundo olhando pra gente, mas depois passa, a gente se acostuma, viu . . . (Amarílis estudante, 2019).

Círculo de Diálogo serve pra você abrir a mente, simplesmente isso. Tipo: eu acho que uma das minhas maiores experiências do Círculo de Diálogos foi – no caso, tu não tava no dia – um arrependimento, que eu pedi desculpas pro colega. (Grupo de discussão 2, 2019).

Logo, os Círculos de Diálogo com os(as) estudantes reverberam polidez, calma, respeito e até pedido de desculpas, significando o que Goffman (2011, p. 20) atribui como “manobras protetoras” para preservar a fachada e assim “[...] neutralizar ‘incidentes’ – que quer dizer, eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a fachada”.

O Círculo de Compreensão se detém a discutir um problema ou uma situação complicada com a intenção de tomar a decisão correta ou firmar consenso entre o grupo, havendo a ideia de compreender no contexto o acontecido. Já o Círculo de Restabelecimento tem a finalidade de proporcionar a partilha de trauma ou de perda, mediante a socialização das emoções das pessoas que passaram por essa experiência; é uma tentativa de equilibrar o emocional (Pranis, 2010b).

Esses dois tipos de Círculos definem certo padrão de interação verbal ou não verbal que influencia a expressão das emoções e dos sentimentos por meio do compartilhamento coletivo de trauma, de sofrimento. Nota-se que extravasar as emoções não é uma tarefa fácil, especialmente em sociedades desacostumadas a interagir e a partilhar seus sentimentos abertamente, portanto é um tipo de prática que não condiz, segundo Elias (2011), com os padrões sociais a que os indivíduos foram submetidos na sociedade ocidental, que fomenta o autocontrole emocional no intuito de manter o equilíbrio social e não causar nenhum desajustamento.

Nessa perspectiva do autocontrole, observam-se o Círculo de Resolução de Conflitos e o de Reintegração. Pranis (2010b) menciona que eles têm como fim o acordo, ou seja, buscam resolver os conflitos e propiciam a reconciliação entre os(as) envolvidos(as). Esses Círculos instigam o grupo a satisfazer suas vontades e fomentam o estabelecimento do consenso.

Para os(as) professores(as), os(as) aprendizes e os(as) funcionários(as), esses Círculos são bastante significativos, principalmente porque, por meio do diálogo, conseguem resolver os conflitos, como se pode confirmar nesta narrativa: “[...] eles que tipo ajudam a resolver aquele conflito, na mesma hora, realmente assim [...] Tipo: tá difícil, aí vai lá e ajuda; orienta a pessoa a fazer o certo, não o errado, essas coisas. Ajuda a conversar” (Amarílis estudante, 2019).

O Círculo de Sentenciamento, conforme Pranis (2010b), compreende um processo específico para o campo da justiça criminal, o qual envolve sentença. Já o Círculo de Apoio tenta sustentar e fortalecer os(as) participantes(as) que passam por situações delicadas, possibilitando uma conversa grupal, na qual todos possam se ajudar, resultando, ou não, em tomada de decisão ou formulação de planos.

Estes Círculos, de Sentenciamento e de Apoio, são também do tipo “ideias”, significando dizer que, apesar de ter correspondência entre suas características e o real, não equivalem necessariamente à realidade, mas têm a intenção de objetivar seus princípios de ajuda e de apoio para o contentamento das pessoas e para a tomada de decisões, mas sem esgotar outras possibilidades e outros pontos de vista.

O tipo ideal do Círculo de Construção do Senso Comunitário, como se observa em sua denominação, serve para construir consensos e vínculos comunitários com finalidades comuns. Por fim, o Círculo de Celebração, outro tipo ideal, é praticado para solenizar pessoas ou grupos a fim de reconhecer algum evento ou situação, um processo para fomentar o espírito de alegria e de satisfação do grupo (Pranis, 2010b), como se confirma nesta fala: “[...] e, no final, foi assim tão rico. Eles, os pais, elogiaram tanto que, olha, eu acho que esse é o melhor jeito de realizar uma reunião de pais. Foi muito bom mesmo, enriquecedor, surpreendente” (Clívia professora, 2019).

Sobre os Círculos de Celebração, observaram-se alguns desses na Escola Flor do Deserto, momento em que mais se conseguiu vislumbrar muitas emoções e sentimentos envolvidos, nos quais os(as) educandos(as) tentavam se controlar, segurar suas emoções para não as externar aos(às) outros(as) ali presentes. Conforme Elias (2011), isso representa um controle inicialmente imposto por razões sociais que vão nivelando o comportamento das pessoas, com o controle e com o autocontrole das emoções e dos sentimentos para se moldarem à “polidez” dos padrões exigidos.

Essa questão associa-se ao exemplo da escola quando estavam acontecendo os Círculos de Celebração, ocasião em que os(as) discentes, em muitas perguntas que lhes eram direcionadas, pareciam “travados(as)”, com gestos e expressões corporais que demonstravam receio de se manifestarem, como se pudessem “quebrar” o comportamento exigido. Em conversas informais, depois dos Círculos, descobriu-se como os(as) aprendizes percebiam isso tudo: “[...] eu queria naquela hora chorar, mas não consegui”; “[...] tenho vontade de falar dos meus sentimentos, dizer, sabe, mas não sai”; “[...] sinto uma pressão grande ali”; “[...] tenho vergonha de falar na frente do povo”.

Com os(as) professores(as) e os(as) funcionários(as), também se repetiram os mesmos comportamentos dos(as) estudantes, sempre tentando assumir um padrão comportamental meio discreto, ou então resistindo, não querendo participar daquele momento.

Consoante Boyes-Watson e Pranis (2011), os Círculos de Construção de Paz são espaços/atividades que provocam um mergulho profundo de desenvolvimento social e emocional contrário ao padrão comportamental posto por Elias (2011). No entanto, elas

reconhecem como aspecto desafiador e orientam que o interessante seria dar um intervalo, que classificam como “[...] uma técnica muito útil para administrar momentos difíceis. No intervalo, você pode conversar com qualquer participante que pareça estar tendo dificuldades” (Boyes-Watson & Pranis, 2011, p. 43).

A estrutura ritualística dos círculos

Percebe-se que os Círculos de Construção de Paz possuem uma estrutura de ritual que os caracteriza especificamente a partir de elementos e símbolos próprios que os distinguem de outros espaços de reuniões em formato circular. Sobre ritual, concebe-se, com base em Turner (2005, p. 49), como sendo “[...] o comportamento formal prescrito para ocasiões não devotadas à rotina tecnológica, tendo como referência a crença em seres ou poderes místicos”. Assim, considera-se que os Círculos comungam com o ritual concebido por Turner (2005), porque o experienciado na ocasião do encontro reverbera compartilhamentos de muitas sensações, de empatia, de afeições e de sofrimentos, enfim, imersões profundas emocionalmente que fogem de toda e qualquer explicação racional. Isso se evidencia em algumas falas dos sujeitos da pesquisa:

Sim, falei. Tem um ritual, uma coisa bem diferente, que prende você, uma organização bem detalhada que chama muito a atenção, como se você ficasse ligado direto a tudo aquilo, com muitas coisas. (Jacinto professor, 2019).

Tia, a gente se emocionou que todo mundo sentiu a vibração. Era como se a gente tivesse na história dela, no momento dela, junto com ela. Foi tão massa, tia. (Grupo de discussão 1, 2019).

O Círculo; aquele momento que ela proporcionou pra mim e pros alunos também. É uma coisa assim bem acolhedora. É um ambiente bem acolhedor. Ele faz com que a gente relaxe. De certa forma, a entonação que a galera usa pra passar as informações sobre o que vai ser trabalhado naquele dia já é uma coisa que, de certa forma, conforma a gente; as músicas que eu falei, né? O ambiente ele é bem [...] ritual [...] caracterizado para que isso seja possível, e é possível [...] (Camélia funcionária, 2019).

Nesses relatos, os sujeitos já se referem aos Círculos como ritual, algo diferente do habitual, com sensação de acolhimento, empatia, que fomentam sentimentos que vão além de uma compreensão cognitiva, denominada por Turner (2005) como fora da rotineira “percepção tecnológica”.

Para Boyes-Watson & Pranis (2011, p. 24-30), isso faz sentido porque os Círculos estão alicerçados em pressupostos sobre a natureza humana, defendidos e sentidos por nossos ancestrais:

1) Dentro de cada um de nós está o verdadeiro eu: bom, sábio e poderoso; 2) O mundo está profundamente interconectado; 3) Todos os seres humanos têm um profundo desejo de estarem em bons relacionamentos; 4) Todos os seres humanos têm dons; cada um é necessário pelo dom que traz; 5) Tudo de que precisamos para fazer mudanças positivas já está aqui; 6) Seres humanos são holísticos; e 7) Nós precisamos de práticas para criar hábitos de viver a partir do verdadeiro eu.

Em complemento a esse entendimento, o ritual dos Círculos pode ser compreendido também mediante a discussão de Goffman (2011), que afirma que os rituais de interação são rituais sociais, os quais, por sua vez, são momentos para a afirmação da organização social e moral, nas quais as pessoas se encontram frente a frente, assumindo imagens para serem aceitas no grupo.

Nessa análise, se relacionada ao que ocorre com os Círculos de Construção de Paz, entende-se que eles representam um espaço de encontro em que os(as) participantes, em interação uns(mas) com os(as) outros(as), desempenham padrões definidos pela organização ritualística propiciada pelos Círculos, uma forma de sacralidade por meio dos elementos e símbolos postos durante a ocasião do ritual.

Assim sendo, os Círculos de Construção de Paz, independentemente do tipo ideal destacado, são constituídos por elementos fundantes essenciais, que os fazem ser o que são por conta de um ritual específico:

Sentar os participantes em círculo (preferencialmente sem mesas). Momento de meditação/*mindfulness*. Cerimônia de abertura. Peça no centro do Círculo. Objeto da palavra. Identificação de valores. Geração das diretrizes com base nos valores. Perguntas norteadoras. Acordos (se o Círculo for tomar decisões). Cerimônia de encerramento. (Boyes-Watson & Pranis, 2015, p. 28).

Os elementos ritualísticos, utilizando novamente a concepção de Turner (2005), podem ser classificados com as características principais de uma organização local⁵,

⁵ Essa organização local feita por Turner (2005) foi embasada na pesquisa que fez sobre a vida da aldeia dos

elementos esses propulsores da ação social do momento, um tipo de estrutura que define o sistema ritual dos Círculos de Construção de Paz e os deixa diferentes de outros processos circulares.

Para a compreensão dos elementos ritualísticos, começa-se a explicação pelo elemento “sentar-se em formato circular”, sem mobília, que precisa, ou não, de uma peça de centro (toalha, manta ou qualquer utensílio). Essa peça representa uma chamada para a concentração dos(as) participantes e para estabelecer o senso de igualdade. O próximo elemento, “a meditação”, diz respeito ao momento em que os(as) participantes são guiados(as) com técnicas de relaxamento (utilização de música instrumental, exercício de respiração e silêncio total, entre outros), aspirando à desconexão das questões exteriores e à quietude (Boyes-Watson & Pranis, 2015).

A forma de sentar-se em círculo, mantendo no centro elementos que têm a intenção de remeter ao foco do diálogo coletivo, e a meditação, como elementos iniciais da interação, assemelham-se ao que Turner (2005) chama de princípios organizacionais, que não são situacionalmente compatíveis com todos(as) que deles fazem parte.

Por exemplo, observou-se em um Círculo com os(as) estudantes que, no momento da meditação, quando foi solicitado que todos(as) fechassem os olhos e que se mantivessem concentrados(as), não foi bem isso que aconteceu. A explicação, usando o raciocínio de Turner (2005), é porque as ações de sentar-se em círculo com alguns elementos ao seu centro e fazer meditação não condizem com a situação que os(as) discentes vivem na escola, não sendo um princípio de organização da sala de aula ou de qualquer outra situação experimentada no âmbito escolar.

Segundo Elias (2011), esse padrão de conduta dos princípios organizacionais pode acionar sentimentos de vergonha e embaraço nos(as) participantes, devido ao fato de as pessoas não estarem acostumadas com essa metodologia. Não obstante, esses sentimentos podem ser transformados, isso porque:

. . . de qualquer modo, o processo se desenvolve em alguns aspectos de uma maneira que é o exato oposto do que em geral hoje se supõe . . . a estrutura das emoções, a sensibilidade, e o comportamento das pessoas mudam, a despeito de variações, em uma direção bem clara (Elias, 2011, p. 118).

Na Escola Flor do Deserto, em algumas conversas pelos corredores com docentes e discentes, constatou-se que a maioria sente que o desenvolvimento dos Círculos no chão

Ndembu localizada no centro-sul da África, podendo ser vista brevemente na sua obra *Floresta de símbolos*, apontada na referência bibliográfica deste estudo.

escolar é algo produtivo, apesar de reconhecerem que é processual e que muitas mudanças de comportamento e sensibilidade vêm acontecendo, comungando com a perspectiva de Elias (2011) ora relatada. As narrativas de alguns(mas) escolares afirmam um pouco isso:

Pronto. É... eu me surpreendi com essa metodologia dos Círculos, porque os alunos eles tão ganhando muito com os Círculos de Diálogo. A gente percebe aqueles alunos que tinham uma dificuldade de se relacionar com outros, meninas que a gente não, não via participando de outros Círculos, conversando de maneira, digamos assim, é, civilizada com os colegas, com as colegas, e elas estão conseguindo isso. (Lírio professor, 2019).

Os Círculos são uma demonstração, um espaço de fazer com que a pessoa possa se sentir melhor. Tipo, eu, eu, quando semestre passado fiz o Círculo, eu me sentia, eu era uma pessoa que não conseguia me abrir para ninguém, mas, depois que eu fui participando de todos os Círculos, eu consegui liberar mais tudo o que tava dentro de mim. (Azaleia estudante, 2019).

Porque o Círculo muda o estilo que a pessoa vive. Ele muda a pessoa e, se os alunos que realmente precisam viessem, é, seria melhor. (Grupo de discussão 2, 2019).

Os elementos cerimoniais de abertura e fechamento marcam a ocasião como sendo um ambiente sagrado. Significam um convite de entrada e de saída do Círculo, suscitando “[...] um clima de otimismo que celebra a presença de todos os integrantes do processo” (Pranis, 2010b, p. 50).

Nessa parte do ritual, denominada cerimônia de abertura e cerimônia de fechamento/encerramento, existe, novamente utilizando a concepção *turneriana*, uma função integrativa do ritual, uma ocasião de construção da unidade inicial e final dos(as) participantes nos Círculos, seria o que Turner (2005) considera como “ritos de passagem”, uma fase de transição, circunstância em que as pessoas ainda não estão familiarizadas com o ritual, ou mesmo um momento ambíguo, principalmente se as pessoas nunca tiverem vivenciado os Círculos de Construção de Paz.

Diante da perspectiva de Goffman (2011), essas duas “cerimônias” poderiam ser associadas como “ritos de apresentação”. Melhor dizendo, são meios para afirmar que os indivíduos não estão isolados; pelo contrário, “[...] abrange atos através dos quais o indivíduo

confirma especificamente aos receptores como ele os estima e como os tratará na interação prestes a ocorrer” (Goffman, 2011, p. 72).

Com o objeto da palavra, outro elemento utilizado no ritual foi o conhecido como “bastão de fala”, uma peça que objetiva regular o momento de fala de cada membro(a) do Círculo sem que haja qualquer interferência. Esse objeto tem o intuito de eliminar o controle e equaliza a oportunidade de comunicação dos(as) participantes, isto é:

o bastão de fala é um objeto que passa de pessoa para pessoa dando a volta na roda. Como se infere do nome, o detentor do bastão de fala [tem a palavra] enquanto todos os outros participantes têm a oportunidade de escutar sem pensar numa resposta. O detentor do bastão de fala também pode decidir oferecer um período de silêncio ou passar o bastão sem falar. Não há obrigação de falar quando o bastão está nas mãos do participante. (Pranis, 2010b, p. 51).

A percepção dos sujeitos escolares quanto ao bastão de fala corrobora a definição de Pranis (2010b):

O objeto da fala eu acho fantástico, né? Eu acho até que eles têm um pouco de dificuldade, mas eu entendo, porque são jovens, e a gente tem que ter toda uma flexibilidade, né? Mas eu acho fantástico, porque ele organiza a fala, o estudo de fala, né? Nos ensina sobre o ouvir, porque ele é o objeto da fala, mas só fala quem tá com ele, então quem não tá tem que aprender a ouvir, exercitar a paciência, exercitar a disciplina, exercitar a ordem, o bom senso, tudo. (Margarida professora, 2019).

[...] mas alguns elementos ajudam até mesmo na prática pedagógica do professor, como o bastão da fala, que tem uma certa disciplina, não como autoridade, mas como um poder que naquela hora só você fala, e os outros, tipo, são obrigados, não sei se a palavra seria essa, mas os outros esperam você falar. E isso seria uma forma bem legal de todos participarem sem aquela bagunça, todos falando ao mesmo tempo; acho isso. (Jacinto professor, 2019).

O que eu mais gosto é o bastão da fala. Eu acho o bastão da fala um elemento fundamental. No bastão da fala, as coisas remetem ao que a gente quer, ao que vai ser desenvolvido no Círculo, ao que se trata [...] a situação de botar a peça no centro, eu acho assim que tudo contribui pra o que vai ser discutido pra gente alcançar o nosso objetivo mesmo. (Grupo de discussão 1, 2019).

Dessa forma, interpreta-se que o bastão de fala/objeto da palavra é um elemento apreciado pelos(as) escolares porque exercita a fala e a escuta, a paciência e o bom senso. É visto como uma representação simbólica de organização, atraindo os(as) estudantes a participarem coletivamente do ritual, mas aprendendo a respeitar sua vez e a do(a) outro(a). Um(a) professor(a) comentou que estava usando nas suas aulas como uma forma de aprendizagem e respeito na turma, apesar de não conseguir desenvolver todo o ritual, o qual utilizava sempre que possível nas suas aulas. Então, a percepção desses(as) escolares ratifica o pensamento de Boyes-Watson e Pranis (2011), quando argumentam que o bastão de fala/objeto da palavra é um instrumento que serve para regular o diálogo no Círculo, um “equalizador poderoso”.

Existe ainda outro elemento, que é a “identificação dos valores”, concebida como fundamento para a construção de confiança e alicerce entre os partícipes (Boyes-Watson & Pranis, 2015; Pranis, 2010b). Constitui-se como uma peça crucial para o processo, em que as pessoas expressam o que têm de melhor no seu eu interior para o momento, deixando reverberar o que têm como essência para ser compartilhado e conectado com os(as) demais.

Portanto, tanto o bastão de fala como a identificação dos valores, com base no pensamento de Goffman (2011), simbolizam uma normatividade da interação no ritual; são atributos que unem os laços entre os(as) participantes. São, pois, estratégias reguladoras do comportamento, o que Goffman (2011, p. 90) denomina como “[...] regras de conduta que ligam o ator e o receptor são laços da sociedade”.

Goffman (2011) esclarece que as regras de conduta são laços que unem as pessoas, regras cerimoniais com papel social que geram atitudes transitórias no momento do ritual. Ao fazer um paralelo com o que acontece nos Círculos, na utilização do bastão de fala e da identificação dos valores percebem-se formas que orientam e organizam a interação nos Círculos de Construção de Paz com seus propósitos de diálogo interativo, compartilhador de ideias e mediador de divergências naquele momento. Se tais regras são apropriadas e aceitas pelos(as) integrantes dos Círculos, essa é uma questão de busca de consenso e de afirmação coletiva, porém não apaga o seu caráter de controle social, de ordenamento cerimonial estabelecido.

Os dois últimos elementos, “geração de diretrizes e perguntas norteadoras ou contação de histórias”, são definidos por Pranis (2010b) da seguinte forma: o primeiro marca compromissos ou promessas acordados pelo grupo com relação aos seus comportamentos durante o processo; o segundo refere-se a questões intencionadas para fomentar a construção

do diálogo grupal para chegar ao objetivo ou motivação do Círculo, mas também podem ser utilizadas, em vez de perguntas, rodadas de contação de histórias que manifestam narrativas reveladoras, isso porque as partilhas de histórias “[...] normalmente acabam com os estereótipos e pressupostos que os participantes possam ter uns dos outros”, certos pontos de vista que interferem nos relacionamentos (Boyes-Watson & Pranis, 2015, p. 40).

Ainda a respeito da contação de histórias, Pranis (2010b, p. 55) afirma que, “[...] quando se conta uma história, a informação é transmitida de modo a criar abertura por parte daquele que escuta”, ou seja, o fato de contar história revela muito sobre a pessoa e impulsiona certa empatia entre as pessoas, aproximando-as.

Algumas expressões do diário de campo, captadas na fala de alguns(mas) estudantes na Escola Flor do Deserto, reforçam esse pensamento de Pranis (2010b): “Eu me sinto na história do outro”; “As histórias contadas dizem muito da pessoa”; “Quando começo a falar minha história, vejo que as pessoas me olham melhor”. Verifica-se também, em algumas observações nos Círculos das Flores, que os(as) discentes, no momento da contação de histórias, ficam mais atentos(as), demonstram uma serenidade maior, até mesmo aqueles(as) que ainda não falaram. A partir da história dos(as) outros(as), alguns(mas) se revelam contando suas histórias:

[...] é uma forma de tipo você expor suas ideias e ouvir a das outras pessoas também. Tem também o fato de se colocar no lugar do outro, né? Porque, às vezes, a pessoa passa por alguma coisa e a gente fala que é bobagem, mas, quando você escuta ele falando, é forte [...]; conheci muitas pessoas através do Círculo, tia. Assim, eu já conhecia de vista, mas nunca tinha coragem de conversar, aí lá a gente expõe os nossos pensamentos, o que a gente já passou, e vê também o outro falando, né? Conhece mais, sabe. É bem legal; gostei. Eu me sinto bem, porque geralmente no Círculo a maioria das pessoas que não conseguem ficar calmas geralmente são pessoas que, quando a gente tá passando pelos corredores, tão falando besteiras, coisas que não são adequadas. Quando a gente vai ver lá, aí essas pessoas fazem o Círculo de Diálogo; são outras pessoas. (Grupo de discussão 2, 2019).

Isso é explicável, conforme Goffman (2014), porque as interações são emitidas pelas palavras, pelas expressões corporais e pelos símbolos e gestos, influenciando as imagens de si e do(a) outro(a). O autor ajuda a compreender que a conversa, associada aqui ao elemento contação de história, presente nos Círculos de Construção de Paz, é tão envolvente que se

torna o principal foco de atenção, induzindo os(as) participantes a uma aproximação e a uma revelação de situações, de sentimentos, até então, não expressos coletivamente.

Consoante o pensamento de Turner (1974), isso pode ser comparado a “*communitas*”, um tipo de rito de passagem, uma estrutura grupal que conduz e converte os indivíduos de acordo com os elementos determinados no ritual, no qual aceitam as normas e as regras predefinidas durante a cerimônia. Assim, essa espécie de rito parece com o que acontece nos Círculos de Construção de Paz, em que os(as) participantes são envolvidos(as) no ritual com seus elementos e estruturas, fazendo-os(as) se acomodarem ou não durante o processo.

Outro aspecto significativo e também considerado como elemento crucial do Círculo é o papel do(a) facilitador(a), que tem um mister diferente do que é exigido em outros processos circulares; ele(a) não deve assumir nenhum privilégio diante dos(as) outros(as), pois é considerado(a) um(a) membro(a) do grupo (Pranis, 2011).

O(A) facilitador(a) representa um(a) membro(a) como os(as) demais, participando ativamente das discussões e de todo o ritual. Dentre as necessidades de execução dos Círculos, o(a) facilitador(a) tem algumas responsabilidades, dentre elas planejar os Círculos previamente; facilitar o processo ritualístico pensando nos materiais necessários; estar em alerta para possíveis contratemplos e discussões mais acirradas; ajudar o grupo para a construção de um espaço de diálogo colaborativo e respeitoso; e convidar e encorajar a participação de todo o grupo, entre outras atribuições (Pranis, 2011).

Desse modo, o(a) facilitador(a) participa efetivamente, partilhando suas experiências e emoções, facilitando o processo de diálogo, apesar de que foge da sua função o poder de controlar as discussões, tendo a incumbência de facilitar o processo, porque os “Círculos reduzem o poder do facilitador e fazem do facilitador um participante mais em pé de igualdade com os outros membros” (Boyes-Watson & Pranis, 2015, p. 37).

Ao pensar em toda essa discussão sobre o ritual acima, conforme as observações do campo de pesquisa, percebe-se que, de fato, há a redução do poder do(a) facilitador(a) e a busca de igualdade presumida nos Círculos; entretanto, não significa dizer que as relações de poder não existam em partículas disseminadas nas interações, que não haja um exercício de poder construindo-as. Isso porque entende-se que, onde existem pessoas interagindo, existem também relações de poder. Por isso, partilha-se da visão *foucaultiana* sobre a concepção de poder sendo constituído no campo microscópico das relações, visto que o poder se constitui, segundo Foucault (2017), como uma prática social e faz parte do processo histórico.

O poder, na perspectiva *foucaultiana*, é, portanto, concebido nas relações sociais nas quais os indivíduos exercem ou sofrem poder, de maneira iminente; é algo que circula. Nesse

sentido, as relações de poder existem em qualquer espaço social; são uma força que se constitui para controlar, disciplinar e coagir os indivíduos. Contudo, Foucault (2009, 2017) expressa que isso não configura, simplesmente, uma concepção negativa. É preciso refletir sobre seu lado positivo, que consegue produzir mudanças significativas nas relações sociais, provocando inúmeras transformações sociais.

Para Foucault (2017), se o poder fosse somente uma noção negativa de repressão, seria uma definição estreita e não seria obedecido; sua força está justamente pelo lado produtivo, que produz prazer e saber; seria, então, a noção positiva.

Destarte, os poderes constituídos no ritual dos Círculos de Construção de Paz se apresentam também nessa perspectiva positiva definida por Foucault (2017). Na medida em que o(a) facilitador(a) inculca suas responsabilidades e compromissos e os desenvolvem, participando de todos os passos dos Círculos juntamente com os(as) demais membros(as), isso já possibilita mudanças nas reflexões e na forma participativa de interação, mudanças para os(as) participantes e para o(a) facilitador(a). Isso foi confirmado no campo de pesquisa, uma vez que a própria facilitadora da Escola Flor do Deserto, em uma conversa, comentou que havia aprendido muito com os Círculos, pois neles há um poder compartilhado, em que todos(as) falam e todos(as) escutam, numa relação coletiva de mando, de disciplina, que também se identifica na visão dos(as) estudantes: “É, tia, todos nós falamos. É como se a gente mandasse também, e outros mandam também. Uma relação que todos têm poder. Acho assim” (Grupo de discussão 1, 2019).

Enfim, dizer que existem relações de poder compartilhadas durante o ritual dos Círculos é evidenciar que existem, assim como diz Foucault (2017), micropoderes⁶ que são exercidos, que circulam durante o ritual entre os(as) participantes, não somente originados no(a) facilitador(a) e dirigidos aos(às) demais, mas também dos(as) outros(as) membros(as) em direção ao(à) facilitador(a) e entre si. Por exemplo, o momento em que as pessoas recebem o elemento – bastão de fala/objeto da palavra – usado com o objetivo de regular a fala, então naquela ocasião exercem um tipo de poder, mas também sofrem a ação de poder na interação e na entrega do bastão para o(a) outro(a), porque, dessa forma, “[...] o poder não se dá, não se troca nem retorna, mas se exerce, só existe em ação” (Foucault, 2017, p. 274).

Logo, as relações de poder circulam no ritual dos Círculos de Construção de Paz; seja no papel do(a) facilitador(a), seja na participação das outras pessoas, todos(as) exercem poder nessa prática circular. Não há lugar neutro nessa vivência. As relações de poder são exercidas

⁶ Micropoder: termo encontrado no pensamento de Foucault (2017) para designar que o poder é fragmentado em todos os espaços, instituições.

e sofridas circularmente, sempre partindo do princípio de que o poder é, “[...] acima de tudo, uma relação de força [...]”, construída nas relações (Foucault, 2017, p. 274).

Esses elementos são considerados também, na visão de Goffman (2011, p. 103), regras de conduta que orientam e controlam o ritual de interação, “[...] atributos, capacidades e informações que, em conjunto, se encaixam num eu que, ao mesmo tempo, é unificado coerentemente e apropriado para a ocasião”, que direciona os sujeitos à participação e à partilha coletiva.

Em síntese, os Círculos de Construção de Paz podem servir de manejo de algumas situações conflitivas, mas principalmente como um encontro favorável ao diálogo, dentro das relações interativas de poder que são inerentes às relações sociais.

Outra questão relevante é a ideia de os Círculos serem uma tentativa de fazer cair a máscara adotada pela sociedade assumindo seu “eu verdadeiro”, o que é “sábio, bom e poderoso” (Boyes-Watson & Pranis, 2015). É uma perspectiva interessante e, como referido anteriormente, é uma tentativa, a qual, se associada com a concepção de Goffman (2011), para quem o “eu verdadeiro” não se revela, constrói-se no processo relacional, apresenta-se no ritual de interação na ocasião em que as pessoas vão se relacionando; na verdade, elas agem mais conforme aquilo que o grupo espera, assumindo determinadas posturas para que não haja nenhum problema. Isso se confirma na fala de uma estudante:

[...] por conta que não me dou bem com todo mundo, mas na hora, naquela hora que tenho que ficar cara a cara com o outro, tento me segurar para não estourar, e aí todo mundo vai falar [...] é [...] não me dou, porque eu não me dou bem com quase ninguém do Círculo. São de outra turma também que a gente não fala direito [...] mesmo assim, eu tô lá disposta, fazer equipe e tal, e isso é um desafio grande: suportar quem eu não gosto. Fosse em outro momento, eu não aceitava, viu. Mas aprendi que não é assim. (Violeta estudante, 2019).

Essa aluna foi a que mais se mostrou satisfeita e que mais comentou que havia aprendido a ter outro comportamento nos Círculos de Construção de Paz, como “não estourar”. A narrativa de uma professora também reforça essa perspectiva, referindo-se à atitude da estudante Violeta:

[...] mas ouvi o relato de uma aluna que ela é, assim, muito agressiva [...] essa pessoa, essa aluna que a gente tinha dificuldade de lidar com ela, que ela chegava e

tudo que ela ia pedir à gente já era tipo exigindo, sabe? Não sei o que tinha com ela. E quando a Margarida disse assim: ‘A Violeta, Gardênia, a Violeta chorou’, eu vi a Margarida contando esse relato, gente. Incrível, né? (Gardênia professora, 2019).

Aprendi a ouvir melhor os outros, a sentir o que as pessoas estão sentindo, mesmo que elas não digam, porque eu não fazia isso, nem me atentava para essas coisas. Até em casa melhorei muito. Escuto mais, entendo mais, e isso eu aprendi com os Círculos, devo isso a eles. São momentos que a gente aprende a relaxar; uma coisa muito boa, boa mesmo. (Jacinto professor, 2019).

Desse modo, seu “eu verdadeiro” não se revela, mas vai se construindo de outra maneira, fazendo com que reflita sobre si e sobre o(a) outro(a); seu comportamento vai se fazendo diante da interação com os(as) outros(as). Como diz a estudante Violeta, assumia uma imagem para não “estourar”, então se segurava. Nos Círculos, ela foi aprendendo com os(as) outros(as), constituindo outro “eu verdadeiro” no sentido *goffmaniano*.

Para Goffman (2011, p. 16), “[...] quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir”, ou seja, é levada a assumir uma “máscara” para ser aceita e controlar a percepção que as outras pessoas possam fazer a respeito dela. Para explicar essa questão, Goffman (2011) utiliza a representação teatral, presumindo que a vida é um palco no qual existem coisas reais e também ensaiadas, e os indivíduos são atores e plateia, manifestando, desse modo, representações do “eu na vida cotidiana”; isto é, o autor acredita que as pessoas adotam “fachadas” para se manterem nos espaços sociais. Nesse sentido, como essa discussão se relaciona com os Círculos de Construção de Paz?

Os Círculos podem ser compreendidos, em uma visão rápida, como uma estratégia que favorece para que haja liberdade de expressar o que as pessoas têm no seu interior, deixando de lado as máscaras, na expressão de Pranis (2010b). Desse jeito, a expressão, a fala e o debate concorrem positivamente para que as pessoas busquem se mostrar; no entanto, não se mostram completa e livremente preparadas para isso. Essa concepção pode ser entendida como uma forma daquilo que Goffman (2007) chama de “mortificação do eu”, em que as pessoas assumem máscaras para que possam ser aceitas na sociedade com seus padrões e regras determinados.

Quando os(as) participantes se mantêm nesse Círculo, no ritual de interação, eles(as) se colocam face a face com outros(as) participantes, manifestam opiniões, sentimentos e

histórias, enfim, uma gama de questões a se tornar desafios para eles(as). Contudo, comungando com o pensamento de Goffman (2007), os(as) participantes assumem fachadas que fazem parte do próprio ritual, enfim:

[...] se o encontro sustenta uma imagem da pessoa que ela dá por certo há muito tempo, ela provavelmente terá poucos sentimentos sobre a situação. Se os eventos estabelecem uma fachada para ela melhor do que ela poderia esperar, ela provavelmente se ‘sentirá bem’; se suas expectativas costumeiras não forem realizadas, espera-se que ela se ‘sinta mal’ ou ‘sinta-se ofendida’. De modo geral, o apego de uma pessoa a uma fachada particular, junto com a facilidade de comunicar informações falseadoras por ela e por outros, constitui uma das razões que fazem com que ela considere que a participação em qualquer contato com outros seja um compromisso. A pessoa também terá sentimentos sobre a fachada mantida para os outros participantes e, apesar desses sentimentos poderem ser de quantidade e direção diferentes daqueles que ela tem para sua própria fachada, constituem um envolvimento com a fachada dos outros que é tão imediato e espontâneo quanto o envolvimento que ela tem com sua própria fachada. A fachada pessoal e a fachada dos outros são construtos da mesma ordem; são as regras do grupo e a definição da situação que determinam quantos sentimentos devemos ter pela fachada e como esses sentimentos devem ser distribuídos pelas fachadas envolvidas. (Goffman, 2011, p. 14).

Nas palavras dos sujeitos escolares, eles trazem um pouco da reflexão *goffmaniana*, principalmente em algumas falas dos(as) professores(as), porque consideram que nos Círculos eles(as) falam o que não conseguiriam falar nas suas rotinas cotidianas. O próprio ritual possibilita isto: a constituição de fachadas conforme o ritual, como afirma Goffman (2011) acima: “são construtos da mesma ordem” de acordo com as regras daquele momento.

[...] porque, assim, eu tenho que dosar a minha língua de não falar tanto nos encontros, e eu, tu deves ter percebido isso, todo encontro quem fala demais não é legal, tem que conter, né, a fala de alguém, porque nem todos ali estão pra chegar em um ponto comum. (Rosa professora, 2019).

A gente conseguiu fazer um Círculo desses daí entre nós, professores, no início do ano, e eu acho que foi bem interessante. A gente se conhece basicamente, porque, como no dia a dia a gente tem uma franqueza nas relações, nesse momento o momento exige, né? E as pessoas se sentem respeitadas, né? Porque a pessoa vai falar, e as pessoas vão realmente ouvir, né? O momento desse Círculo cada um tem seu momento, então cada um vai ser aquilo que é ou dizer aquilo que pensa de uma maneira muito franca. Assim, é permitido, o momento é propício a isso, né? Mesmo sabendo que é para não ofender nem ser ofendido. (Cravo professor, 2019).

Dessa feita, os Círculos de Construção de Paz são encontros sociais em que as fachadas são manifestadas no sentido de os(as) participantes se sentirem bem, ou se sentirem mal, à vontade ou constrangidos, autocontrolados ou libertos; enfim, nessa tensão que é a vida social na sua interação face a face.

De outra forma, com base em Goffman (2011), pode acontecer de os(as) participantes assumirem uma fachada. Esse termo é compreendido como “o valor social positivo [...] uma imagem do ‘eu’ delineada em termos de atributos sociais aprovados” (Goffman, 2011, p. 13-14). Portanto, no processo do ritual dos Círculos de Construção de Paz, a imagem vai se constituindo de uma maneira ou de outra, apesar de perceber que reflexões merecem ser instigadas e continuadas diante de questões profundas e merecedoras de observação do real, as quais não se teve condições nem intenção de se trabalhar neste estudo.

4. Considerações Finais

O presente estudo trouxe um olhar sobre os tipos e a estrutura dos Círculos de Construção de Paz à luz de uma reflexão sociológica, corroborando os significados e sentidos que os sujeitos escolares lhes atribuem no contexto escolar.

Concebe-se que os Círculos são encontros sociais que acontecem em uma interação face a face na óptica *goffmaniana*. E os tipos, aqui descritos, apoiam-se na concepção *weberiana* de “típico-ideal” para o entendimento epistemológico de suas características e seus objetivos específicos.

Para os(as) estudantes, dependendo do tipo, os Círculos podem causar certa timidez, resistência. Entretanto, para outros(as), a participação é mais aceitável e tranquila. Se esses comportamentos forem analisados na visão sociológica de Goffman (2011), são compreensíveis, porque as pessoas assumem “manobras protetoras”, uma forma de preservar a sua fachada/imagem, neutralizando quaisquer incidentes que possam vir a acontecer e deixá-los(as) expostos(as), assim eles(as) adotam as posturas ora salientadas. Isso também se relaciona aos(às) professores(as) e aos(às) funcionários(as), que assumem o mesmo padrão comportamental dos(as) estudantes.

Sobre a estrutura dos Círculos, são formados por elementos fundantes que os distinguem de outros espaços circulares, como, por exemplo, de uma roda de conversa. Interpretados na perspectiva de Turner (2005) como um ritual, pontua-se que os significados gerados durante o encontro para os(as) participantes fogem à explicação racional. Por isso, para alguns sujeitos escolares – professores(as), estudantes e funcionários(as) –, despertam

emoções e sentimentos que eles(as) associam a algo “mágico”, “diferente”, que não conseguem explicar, confirmando o que se percebe no pensamento de Turner (2005). Na visão de Boyes-Watson e Pranis (2011), isso tem a ver com os alicerces que pautam os Círculos, que emergem de fundamentos ancestrais da natureza humana.

Urge destacar, que estas reflexões representam lentes subjetivas, a partir de uma análise sociológica direcionada em alguns teóricos, cabendo a construção de outras frentes epistemológicas para trabalhos posteriores, com aprofundamentos teóricos e empíricos para respostas mais conclusivas a respeito da temática.

Enfim, este estudo sobre os Círculos de Construção de Paz não buscou fechar as análises apontadas, mas proporcionar olhares diferenciados, instigados por reflexões sociológicas, de modo a suscitar outros debates e trabalhos que venham a contribuir para a experiência com eles nas escolas.

Referências

Bourdieu, P. (1999). *A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas*. Petrópolis: Vozes.

Boyes-Watson, C., & Pranis, K. (2011). *No coração da esperança: guia de práticas circulares. O uso de Círculos de Construção de Paz para desenvolver a inteligência emocional, promover a cura e construir relacionamentos saudáveis*. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul.

Boyes-Watson, C., & Pranis, K. (2015). *Círculos em movimento: construindo uma comunidade escolar restaurativa*. Porto Alegre: Ajuris. Recuperado de <https://www.escolamaispaz.org.br/wp-content/uploads/2018/11/Circulos-em-Movimento-BLOCO-I-.pdf>

Brancher, L. (2014). *A paz que nasce de uma nova justiça: 2012-2013 um ano de implantação da justiça restaurativa como política de pacificação social em Caxias do Sul*. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul.

Elias, N. (2011). *O processo civilizador: uma história dos costumes* (2a ed.). Rio de Janeiro: Zahar.

- Foucault, M. (2009). *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (37a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. (2017). *Microfísica do poder* (6a ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Goffman, E. (2007). *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- Goffman, E. (2011). *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes.
- Pranis, K. (2010a). *Justiça restaurativa e processo circular nas varas de infância e juventude*. São Paulo: Palas Athena.
- Pranis, K. (2010b). *Processos circulares de construção de paz*. São Paulo: Palas Athena.
- Pranis, K. (2011). *Círculos de justiça restaurativa e de construção de paz: guia do facilitador*. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul.
- Santos, J. B. F., Osterne, M. S. F., & Almeida, R. O. (2014). A entrevista como técnica de pesquisa do mundo do trabalho. In G. Alves, & J. B. F. Santos (Orgs.), *Métodos e técnicas de pesquisa sobre o mundo do trabalho* (pp. 29-52). Bauru: Canal 6.
- Turner, V. (1974). *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes.
- Turner, V. (2005). *Floresta dos símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: UFF.
- Weber, M. (1998). *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva* (4a ed.). Brasília: UnB.
- Zehr, H. (2015). *Justiça restaurativa*. São Paulo: Palas Athena.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Maria Cristiane Lopes da Silva – 70%

Geovani Jacó de Freitas – 15%

Rosemary de Oliveira Almeida – 15 %